

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA**

KATICIANE ARAÚJO DE SOUZA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: A ATUAÇÃO DOS EDUCADORES JUNTO AOS
DISCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PARNAÍBA-PI**

PARNAÍBA

2009

KATICIANE ARAÚJO DE SOUZA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: A ATUAÇÃO DOS EDUCADORES JUNTO AOS
DISCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PARNAÍBA-PI**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí - UESPI como requisito parcial para a conclusão curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do professor especialista Antônio Marcos da Silva Costa

PARNAÍBA

2009

KATICIANE ARAÚJO DE SOUZA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: A ATUAÇÃO DOS EDUCADORES JUNTO AOS
DISCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PARNAÍBA-PI**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Examinador(a):

Professor(a) Examinador(a):

Professor(a) Examinador(a):

PARNAÍBA

2009

Dedico este trabalho à Deus, pois sem ele não sou nada, mas com ele eu sou tudo.

Agradeço a meus pais e a todos os familiares, a Jerfferson Castro, Franciane Mourão, Janaina Silva, Zeneida Castro, Maria da Conceição Castro e ao orientador Antônio Marcos da Silva Costa e acima de tudo e todos a Deus pai pela força e o amor que ele me tem.

“O homem ao final, decide por si mesmo.
Em suma, a educação deve ser educação
para a capacidade de decidir.”

V. Franke

RESUMO

Visto que a sexualidade é considerada um fator imprescindível na formação do ser humano e que se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento. A sua vivência saudável é fundamental no desenvolvimento global de cada ser. Pois desde que a criança nasce já está recebendo da sua família a educação sexual. Os exemplos das atitudes da família e dos educadores é absorvida já na infância e farão parte do seu rol de conhecimentos. Diante disso, este trabalho tem como propósito saber como os educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental desenvolvem o trabalho de orientação sexual junto aos seus discentes, na cidade de Parnaíba(PI). A realização da investigação se deu através de questionários destinados à catorze professores de duas escolas da rede pública municipal desta cidade. Do qual resultou na confirmação de que os educadores tratam o tema sexualidade durante as aulas apenas como um fator biológico, não respondendo as necessidades dos discentes, sendo também eles preconceituosos e limitador da capacidade crítica de seus alunos.

Palavras-chave: Sexualidade; Orientação; Educadores.

ABSTRACT

Because the sexuality is considered an indispensable factor in the human being formation and that he/she grows since the first days of life and it proceeds manifesting in a different way in every moment. His/her 'healthy existence is fundamental in each being's global development. Because since the child is born is receiving already of his/her family the sexual education. The examples of the adults' attitudes are already absorbed in the childhood and they will be part of his/her list of knowledge. Before that, this work has as purpose to know as the educators of the years begin of the Fundamental Teaching develop the work of sexual orientation close to their discentes, in the city of Parnaíba(PI). the accomplishment of the investigation felt through questionnaires destined to fourteen teachers of two schools of the public net of this city. That it was confirmed that the educators just treat the theme sexuality during the classes as a biological factor, not answering the needs of the discentes, being also them preconceituosos and limitador of their students' critical capacity.

Keys-words: Sexuality; Orientation; Educating.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - A SEXUALIDADE HUMANA SOB A ÓPTICA DA HISTÓRIA E DA CULTURA	11
1.1 História da educação sexual.....	18
CAPÍTULO II - A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO	23
2.1 O que analisa a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a orientação sexual.....	28
CAPÍTULO III - A ATUAÇÃO DOS EDUCADORES NO DESENVOLVIMENTO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A PESQUISA	31
3.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa.....	33
3.2 Análise e tabulação de dados.....	33
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

O domínio de conhecimentos sobre a sexualidade humana é algo cada vez mais necessário na sociedade moderna. Entretanto, é importante perceber que embora a sociedade seja definida como moderna, diversos tabus ainda circundam este tema, tornando por vezes curiosos ou distorcidos os conhecimentos que o envolvem.

Abordar a sexualidade significa falar de concepções cristalizadas no homem sobre questões que foram produzidas como verdades nos últimos três séculos. Significa também falar entre outras, de repressão, poder, preconceito, interdição do corpo, desejo, controle, gênero, opção sexual, doenças sexualmente transmissíveis e atualmente a AIDS, enfim, de todas as representações sociais que giram em torno dela na sociedade, dos quais são fatores que não estão fora do espaço escolar.

A justificativa deste trabalho monográfico se deu por causa da observação de que a orientação sexual, na realidade da escola pública parnaibana, assim como todas as escolas brasileiras, atualmente recebe pouca atenção das políticas públicas educacionais. Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), regulamentar que é dever da família e, sobretudo do Estado favorecer o pleno desenvolvimento do educando, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que abordam a orientação sexual como um dos temas transversais, dos quais as escolas ainda lutam para incluí-la como uma de suas preocupações pedagógicas. Ainda existem alguns professores que vêem o assunto um incômodo e complexo.

Diante desta problemática necessitou-se saber de como a orientação sexual está sendo desenvolvida nos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública municipal, da cidade de Parnaíba (PI)? Enfocando as principais dificuldades para sistematizar este processo. Além do objetivo de verificar o comportamento dos docentes em relação às informações distorcidas trazidas pelos discentes sobre a sexualidade; pesquisar se os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental expressam a orientação sexual como metodologia crítica e analisar no corpo docente, atitudes inadequadas como preconceitos e tabus durante as aulas.

Com base nessas considerações, foi escolhido como objeto de estudo 14 professores pertencentes à rede pública dos anos iniciais do ensino fundamental do turno manhã, escolhidos por meio de sorteio.

No método de abordagem metodológica, utilizou-se para a investigação um questionário com 10 questões fechadas, aplicado no 2º semestre de 2008. Em que os professores forneceram às respostas para a pesquisa, professores estes todos formados em Pedagogia.

O tipo de pesquisa é do tipo transversal; correlacional; qualitativa e quantitativa. Para a realização desta pesquisa a delimitação do universo da mesma está constituído por duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI), das quais foram escolhidas por meio de sorteio

Portanto, buscou-se dividir o presente trabalho monográfico em três capítulos, para que o leitor entenda o tema abordado.

O primeiro capítulo, intitulado como: A sexualidade humana sob a óptica da história e da cultura, que mostra as adversidades que norteiam a sexualidade, fazendo uma linha do tempo desde as sociedades ágrafas, até se chegar ao século XXI, que discorre também do surgimento da educação sexual e sua ascensão.

O segundo capítulo que tem como título: A contribuição da educação e orientação sexual para a formação do indivíduo, trata de como a família diante da sua cultura se comporta em relação a sexualidade de seus filhos, explica também da importância da orientação sexual nas escolas, dando ênfase na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

E o terceiro capítulo, analisa a atuação dos educadores frente à orientação sexual na cidade de Parnaíba, nos anos iniciais do ensino fundamental e quais as dificuldades que esses educadores têm para discutir com os alunos sobre a sexualidade, na escola e descreve a pesquisa e mostra a análise dos questionários.

E finalmente, a conclusão, que aponta o resultado da investigação, da realidade que estão inseridos os educadores de Parnaíba e termina com uma análise crítica do tema em questão.

CAPÍTULO I

A SEXUALIDADE HUMANA SOB A ÓPTICA DA HISTÓRIA E DA CULTURA

Para aludir, ao processo de orientação sexual dado aos discentes nas séries iniciais do ensino fundamental, será de grande importância discorrer sobre o papel da sociedade diante da sexualidade humana, pois a mesma se norteia junto às manifestações culturais. Assim, o indivíduo como membro de uma sociedade cumpre regras e algumas proibições imposta pela mesma, dessa forma, contribui para a formação da sexualidade heterônoma, deixando à margem a sexualidade autônoma, que se explica por um indivíduo, independente, livre da influência de sua cultura.

No homem concentram-se formas diversas de comportamento e peculiaridade, ou seja, ele não vive bitolado a algo estático, como acontece com o comportamento dos irracionais, que é quase fixo.

Como explica Sousa Filho (2004):

Embora seja um ser notadamente de grande potencial, ao nascer é o mais desprotegido de todos os seres. Necessita de afeto, de cuidados. Aos poucos aprende as normas da cultura em que nasceu. Recebe informações e conhecimentos da sociedade a que pertence. Aprende a olhar o mundo com as lentes de sua própria cultura, adquirindo assim uma visão que se estrutura a partir dos mitos, religião, costumes e normas que regulam as relações interpessoais.

Para se chegar à elucidação da sexualidade humana será preciso analisar os condicionamentos históricos-culturais, desde a manifestação da sexualidade feminina nas sociedades ágrafas até se chegar numa sociedade deserotizada do século XXI.

Nos primórdios da África, há milhões de anos, quando os antepassados ainda caçavam animais de grande porte e colhiam raízes e frutas para viverem, desenvolveram eles uma espécie de padrão da sexualidade humana. Segundo os estudos da antropóloga americana Helen Fisher (apud Sousa Filho), aponta que os antepassados da humanidade, os mais remotos, iniciavam suas experiências sexuais bastante cedo. Quando as crianças tinham 2 ou 3 anos de idade, viam outras crianças brincando de sexo e provavelmente experimentavam por si mesmos.

Chegavam tarde à puberdade, com 16, 17 ou 18 anos, e as jovens só conseguiam engravidar perto dos 20 anos. O adultério era muito freqüente tanto para o homem quanto para mulher. Porém, dentro de um conjunto de regras sobre com quem era permitido ou não cometer adultério, parentes próximos estavam fora de cogitação.

Na estrutura da sociedade da época, as mulheres eram tão poderosas e sexuais quanto aos homens e o erotismo estava enraizado em suas vidas, em seus mitos, lendas e brincadeiras.

Sendo assim, Nunes (apud Sousa Filho,2004) acrescenta que:

O paleolítico é todo ele dominado pelo matriarcalismo, isto é, pela valorização e pelo culto ao elemento feminino, materno, cuidador e organizador da sociedade primitiva. Por milhares de anos a humanidade viveu sob a organização e poder das mulheres, que trabalhando juntas e constantemente, tomaram-se o grupo civilizatório mais progressista. Eram mulheres que tinham possibilidades de experimentação e pesquisa de novas tecnologias e subsistência na produção da vida.

A ascensão dessa sociedade trouxe grandes mudanças na maneira de como homens e mulheres se relacionavam uns com os outros. Quando se iniciou o cultivo da terra, eles se fixaram ao longo das planícies do crescente fértil, no Oriente Médio, 8.000 anos a.C. Com a invenção do arado, o homem tornou-se a ser mais importante e a mulher perdeu a sua antiga função: a de ir em busca de alimentos.

A mulher perdendo sua independência econômica, passa apenas a gerar filhos, agora seu papel principal. O homem tornou-se mais poderoso socialmente, pois eram eles que guerreavam e aravam o solo. Então assim surgiu uma diferença entre os sexos, que transformou esta sociedade, agora dividida em mulheres subordinadas e homens dominadores.

Sobre a sexualidade feminina na compreensão mítica, Jane Hellen Harison (apud Sousa Filho),redescobriu numa mitologia pré-helênica, a predominância e domínio de espírito matricêntrico.

A significada importância da mulher nesta época se expressava também na religião na crença e na sua própria divindade. A “deusa mãe” era vista como símbolo da fertilidade, garantia dos alimentos, da produção, da geração dos animais e dos seres humanos.

Neste período histórico, houve uma ascensão no mundo pré-helênico, que culminou em grandes transformações, sendo elas, a passagem da sociedade

matricêntrica para uma sociedade patriarcalista, a contenção do prazer sexual e a aceitação do homossexualismo.

O patriarcalismo esteve evidente, entre a sociedade grega, a partir da sua mitologia, religião, nos relacionamentos políticos, etc., que se desencadeou discretamente sobre a sociedade matricêntrica, sendo seu esforço persistente, do qual foi evidenciado na literatura, tanto na poesia dramática como na épica, encontrava-se a depreciação do sexo feminino.

Porém, os homens não repudiavam as mulheres, pois reconhecendo eles seu poder, temiam que o mesmo pudesse atrapalhar seus ideais patriarcalistas, deste modo, uma sociedade liderada por homens se firmou. Diante do contexto, pode-se aqui afirmar que a mulher passa a ser duplamente explorada pelo homem como reprodutora, limitando-se apenas aos afazeres domésticos e como objeto de prazer.

Sousa Filho (2004) afirma que a antiga Grécia se difundia um quadro de pessimismo sexual, vindas das considerações como as de Pitágoras, Hipócrates, Platão, Aristóteles, dos quais idealizavam que a atividade sexual enfraquecia o homem e também que a perda do sêmen delibitava e até mesmo poderia causar a morte.

Segundo Sousa Filho (2004):

Platão no seu famoso mito da caverna acentua um caráter dualista da sexualidade: por um lado privilegia o espiritual como o âmbito da perfeição [...], de outro lado, relega o corpo, o prazer a uma situação de degeneração. O objetivo de todo homem que busca a sabedoria é desvencilhar-se de tudo o que é paixão, prazer e sensibilidade. Somente o que vive asceticamente, libera sua alma dos grilhões do cárcere corporal [...]

Por tal motivo, tudo o que é prazer esteve condicionado ao limite, como vivência de algo passageiro e de forma controlada e limitada. Era esta a maneira que a sociedade grega encontrava para adquirir a sabedoria. No entanto, Platão (apud Sousa Filho, 2004), continuava a considerar que aquele que vive de forma sábia, pela contemplação e meditação não medirá esforços para que também os seus semelhantes realizem sua ascensão ao mundo puramente intelectual e libertando-se do mundo sensível

Nesse contexto, a sexualidade continuava sendo menos importante, com o surgimento do estoicismo (300 a.C. 250 d.C.), que teve como representante o filósofo Sêneca. Esta escola filosófica negou a busca do prazer, limitando a prática sexual ao casamento (mesmo no casamento era necessário um controle) e passou a

valorizar o celibato. A redução do prazer também se difundiu pelo gnosticismo, do qual reconhecia a inferioridade e a inutilidade de tudo o que existe, chegando a pregar a abstinência do casamento, da carne, e do vinho.

É imprescindível também destacar a prática do homossexualismo na Grécia Antiga. Como a sociedade era patriarcal, o homem se pôs a um ser ativo e monopolizador das atividades sexuais.

Como explica Foucault (1997):

[...] para os gregos é a posição entre atividade e passividade que é essencial e marca tanto o domínio dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais; vê-se, então, porque um homem pode preferir os amores masculinos [...], desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca um homem que não é suficiente dono de seus prazeres pouco importa a escolha do objeto que faça é considerado como feminino.

É necessário salientar que especialmente em Esparta aconteciam rituais de puberdade que incluía a pederastia (relação sexual de homem com menino), estabelecido a um rapaz rumo à idade adulta. A pederastia grega esteve ligada a uma ascensão social, da qual era somente a partir da relação pederasta que o rapaz transforma-se em um homem completo.

Um outro importante momento da história da sexualidade humana, que surgiu como mais um movimento anti-sexual, aconteceu durante a civilização cristã, mais precisamente na Idade Média. Nesse período, dominar o corpo e reprimir o sexo se constituiu em um ideal imprescindível desta sociedade. Foi a igreja, a força dominante na vida moral e espiritual das pessoas, chegando a especificar que atos sexuais as pessoas poderiam se permitir e regulamentar onde, quando e com quem o sexo poderia ter lugar.

É importante aqui destacar as indagações a respeito dos ideais da igreja em relação à repressão do sexo. A explicação para isso é evidenciada com os acontecimentos que ocorriam naquela época, como: a crise demográfica, a mudança social, fome, doenças (Peste Negra), guerras (A Guerra dos cem anos).

Na Idade Média havia um apocaliptismo generalizado, esperava-se que o mundo fosse acabar mil anos depois da vinda de Cristo. Na época houve grandes tempestades, uma escassez séria de alimentos; as doenças e as guerras se alastraram de forma extrema. Diante dos fatos ocorridos, as pessoas ficaram pessimistas em relação ao futuro da humanidade, mas buscavam levar em

consideração as suas almas. Se o fim do mundo poderia acontecer a qualquer momento, era importante estar preparado para encontrar o Criador, daí o impulso em direção à penitência, à peregrinação e, em particular, ao ascetismo pessoal.

A sociedade concentrava sua atenção na vitória sobre o pecado e nos princípios da fé, na pureza e na rejeição das coisas do mundo. Por isso a sociedade cristã estava convencida a conter o corpo e a proibir o sexo, sendo este o objetivo da igreja.

Como comenta Richards (1993):

A igreja com seu rigorismo moral e oficial utilizou de muitos mecanismos com vistas a controlar a sexualidade, quais, sejam o medo, a condenação ao inferno, o juízo final, todavia o mais eficaz de todos a confissão, que obrigava o povo a detalhar os desejos e as práticas sexuais e ao mesmo tempo se servia dos penitentes para reprimí-los.

Segundo Ribeiro (1990), Santo Agostinho profere que a moral sexual é extremamente rígida e negativa. Para ele, o único meio para justificar a sexualidade seria à procriação na relação matrimonial. Um exemplo que se inclui como um ato extremamente rígido na forma de repressão sexual, é que se as pessoas fossem surpreendidas no "pecado", seriam queimadas vivas ou tinham seus genitais mutilados. Como também cita que São Tomás de Aquino declarava que o pecado mais grave, os pecados contra a natureza (bestialidade, sodomia, masturbação, desvio da posição recomendada para a relação), frustravam o propósito natural do sexo (a procriação). E que a masturbação esteve ligada ao desperdício de sêmen. Quando um terço da população morreu, por causa da peste negra, atribuíam-se a esse fato, aos pecados sexuais cometidos pela sociedade.

Nos respectivos séculos, XV, XVII e XIX, segundo Ribeiro (1990), descreve algumas atitudes significativas sobre a repressão da sexualidade.

O primeiro foi o puritanismo que se iniciou no século XV, no reinado de Elizabeth I, mas apenas foi difundido seus ideais no século XVII. Este movimento se opôs à liberdade sexual na Inglaterra da Idade Média, apesar de não se oporem à prática do sexo dentro do casamento não toleravam o adultério. Valorizavam o sexo e o amor dentro do casamento.

O segundo, também ocorrido no século XVII, partiu de dentro da igreja católica, como o reaparecimento dos ideais das doutrinas Agostinianas na Igreja Católica Romana, rotulada aqui como janenismo. Este reafirmava o dano causado pela prática do sexo e dos males da luxúria.

O terceiro, movimento é o mais famoso, ocorrido no século XIX, o vitorianismo, também iniciado na Inglaterra, no reinado da rainha Vitória (1819-1901), este movimento reprimia o ato sexual, falava nos perigos da perda de sêmen, proibia o sexo até mesmo dentro do casamento.

Sobre o surgimento do puritanismo e vitorianismo Ribeiro(1990) relata que antecedente a eles, houve uma grande liberdade sexual, acontecida nos séculos XV e XVI, Idade Média da Inglaterra.

Ussel (apud Ribeiro,1990), coloca que:

Admitia-se, em geral, que todos satisfizessem as suas necessidades sexuais para não pôr a saúde em perigo [...] as mães e os pais masturbavam as crianças, para aclamá-las. As relações sexuais pré-conjugais estavam institucionalizadas. E também em algumas camadas das sociedades, as relações extraconjugais eram permitidas. O rigor do clero perante o celibato praticamente inexistia, a família e os serviçais dormiam nus e no mesmo quarto. Banhavam nus e em grupo. O vocabulário sexual era muito extenso [...].

As ambigüidades aqui dessa época se destacaram, por que o puritanismo e vitorianismo, ainda eram um controle religioso. Porém, se por um lado era exigido da sociedade recato e controle, pelo outro, um comportamento, a libertinagem sexual, existia não só entre a comunidade como também dentro da própria igreja. Entre essas diferenças de comportamentos, ainda assim, a era vitoriana destacou vários médicos e pesquisadores que difundissem os ideais de repressão e controle sexual, através de suas obras.

Uma outra fase da história da sexualidade humana merecedora de destaque, foi o advento da sociedade capitalista, pois a mesma necessitava de uma grande energia para o trabalho, negando assim a sexualidade. Deste modo, a burguesia emitia o juízo de que todos os trabalhadores acumulassem toda a energia para que fossem usada nas máquinas. A burguesia, sinônimo do trabalho escravizante, lançou-se ao processo automotivo, e para estabilizar este processo ela controlava e reprimia a prática sexual, permitindo apenas com fins procriativos.

A idéia de René Descartes (apud RIBEIRO,1990), considerou-a a sua preocupação no controle da sexualidade, que comparava o homem com uma máquina. E por isso precisaria acumular e processar uma grande energia para ter a devida eficiência. Deste modo o homem esteve retido extremamente a perda do sêmen a fim de não perder a vitalidade para o trabalho. Foi verificado também a

repressão ao ato da masturbação, que foi tida como o caminho de grandes males, pois os que a praticavam tinham como característica um cansaço vital.

Se em um momento da história da sexualidade humana a igreja reprimia a sexualidade, agora no período moderno tal repressão se destacava ao discurso científico, em que se procurava um comportamento padrão da sexualidade, classificado aqui como patológico.

Dentro da sociedade capitalista nasceu no final do século XVIII, a ciência sexual, desenvolvida nos séculos XIX e XX.

Esta ciência foi caracterizada, como um grupo de disciplinas científicas e técnicas ligadas ao comportamento sexual. Entre elas estavam: Pedagogia, Medicina, Direito, Economia, Demografia, Psiquiatria, Psicanálise etc. Tal ciência sexual teria o objetivo de limitar o prazer sexual, para que ele não conduza à loucura ou até mesmo à morte.

E neste pensamento que Foucault (1997):

A ciência era feita de esquivas já que na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, referia-se, sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais [...]. Era também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações retirou sob a forma de normas médicas. A pretexto de dizer a verdade, em todo lado provocava medos, atribuía as menores oscilações da sexualidade uma dinastia imaginário de males fadas a repercutirem sobre as gerações [...].

A moral da burguesia emergente, buscava privilegiar o poder supremo do homem em relação à mulher, por ser ele mais racional, dessa maneira, era estimulado a uma diversão sexual alternativa (procura de prostitutas). Deixando de lado o prazer feminino. Pois a este, no máximo era permitido viver na abstinência.

Neste período, surge a cultura do pecado e da vergonha, estando em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido.

Por seguinte chega-se ao século XXI à sexualidade deserotizada que é consequência do capitalismo norte-americano, caracterizado pelo exagerado consumo, sofisticação e comunicação, que dominam as massas consumidoras. Diante disso, o sexo aparece como comércio. O mais importante aqui é movimentar o capital, e com isso houve um grande aumento da prostituição, da gravidez na adolescência, das doenças sexualmente transmissíveis.

Porém, o mais intrigante é que a sociedade contemporânea ilusoriamente agora vive uma enganosa liberdade sexual para homens, mulheres, adolescentes e

homossexuais. Fato que se dá pelo grande interesse da escravidão do ser humano. Ou seja, há a falsa erotização que não considera o ser humano em sua plenitude, mas apenas o explora, apenas reduzindo as pessoas como objetos descartáveis, sempre prontos ao consumismo.

Contudo, será preciso que a sociedade se desligue dos tabus e quebrem esse sistema de controle sexual. Se desconectar do ser como objeto, ligando as relações de humanização, pois ainda não houve uma verdadeira libertação sexual e sim na maioria dos casos, apenas novos modelos de manipulação do desejo.

1.1 História da educação sexual

Em contrapartida a era repressora sobre a atividade sexual (o vitorianismo), surgiu no século XIX e XX, o campo da sexologia e da educação sexual, que foi iniciado por estudiosos, que contribuíram grandiosamente para o declínio das repressões sexuais.

RIBEIRO (1990) destaca que nomes como Henry Havelock Ellis (1859-1939); Sigmund Freud (1856-1939); Wilhelm (1897-1957), através de seus estudos, desenvolveram ideias adiantadas para o período, mas que surtiram efeitos, pois consideravam os comportamentos sexuais como um fenômeno natural e o bem-estar sexual da população.

Outros estudiosos, mais próximos dos dias atuais, como: Willian Master (1915); Virginia Johnson (1925); Margaret Mead e Michel Foucault, também se destacaram entre os trabalhos da sexualidade humana.

Apesar de alguns estudiosos considerarem a França como o lugar de origem aos debates da sexualidade humana na escola, a educação sexual propriamente dita, sistematizada e organizada de forma a ser ministrada nas escolas, teve como país pioneiro a Suécia, que foi recomendado pelo seu governo em 1942 e declarada obrigatória em 1956. Logo adiante em 1770 a Suécia realizou as primeiras conferências sobre o tema, época em que a era vitoriana se difundia e que por esse motivo, parou de se comentar em temas sexuais. Porém, no começo do século XX, as primeiras pessoas a se manifestarem contra a “repressão” vitoriana foram as mulheres, que acabaram estimulando a orientação sexual nas escolas

suecas. Essas reivindicações eram sobre a livre informação dos métodos contraceptivos e a necessidade de uma educação sexual que foi citada em 1942.

Vidal (2008) na Revista Educação Grandes Temas fala que, enquanto no Brasil, em julho de 1933, nascia no Rio de Janeiro, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), comandado pelo médico José de Albuquerque, o qual tinha por objetivo promover a educação sexual do povo brasileiro. Esse círculo primeiramente promoveu sob forma de palestras o “Curso Popular de Sexologia”, proferido pelo próprio José Albuquerque no Dirceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. A partir daí alguns programas de educação sexual, foram transmitidas nas rádios do Rio de Janeiro e São Paulo, através de palestras semanais.

Além de promover palestras gratuitas para a sociedade, o CBES, também promoveu a exibição de filmes nos cinemas do subúrbio carioca, como o longa metragem elaborado pelo próprio CBES, “A Educação Sexual nos diversos período da Vida”, inaugurou a pinacoteca de educação sexual e abriu o Museu de Educação Sexual. A atuação do CBES, depois do Rio de Janeiro e São Paulo, foi estendido também a Recife e logo após, abrangeu todos os estados brasileiros.

A preocupação com o caráter popular da campanha pela educação sexual levou o CBES a mobilizar diferentes estratégias, todos relacionados aos meios de comunicação de massas. A propagação de publicações e palestras dedicada a pais e a professores e até mesmo aos alunos, devia-se, em parte, à grande proliferação da sífilis, que na época era considerada uma ameaça ao operariado e aos setores médicos da população. Esta preocupação ia de encontro aos princípios eugenistas que circulavam na sociedade brasileira. Ou seja, a educação sexual surgia como uma estratégia para preparar o homem e a mulher a construir uma família sob bases seguras. Na tentativa de aperfeiçoar o tipo brasileiro, conformando-o ao tipo humano eugênico (o estudo das condições mais propícias á reprodução e a melhoria da raça) e a procriação de tipos mal formados, as medidas coibiram a reprodução indesejável à saúde da raça.

No campo educacional, desde os anos de 1920, iniciava-se uma discussão da educação sexual na escola, também como estratégia eugênica de aperfeiçoamento da raça. Em 1928, na II Conferência Nacional de Educação em Belo Horizonte, iluminavam aspectos sobre a educação sexual e escola. Alguns educadores e juristas defendiam a educação sexual apenas no lar associada à

educação moral. Já outros acreditavam ser a escola uma das instâncias privilegiadas para a orientação social de crianças e adolescentes.

Vidal (2008, p. 26), na revista *Educação: Grandes temas*, destaca que a Igreja Católica entre as décadas de 30 e 50, possuía o domínio do processo educacional da sociedade brasileira, mantendo uma opressão implacável à educação sexual na escola. Segundo ela, para se evitar o perigo da educação sexual científica, as pessoas deveriam obedecer aos princípios da espiritualidade. Relata que o indivíduo estava exposto a quebra do equilíbrio, determinando verdadeiras anomalias ou precipitando as crianças e jovens no pecado e no vício, sendo a favor da educação sexual na família.

Na década de 30, tanto a igreja como os que não estavam ligados à ela, publicaram obras ou manuais e proferiram palestras sobre o tema sexualidade e ambos se limitavam aos conceitos eugênicos, higiênicos e, até psicanalíticos. Os manuais laicos discorriam a concepção de que a escola deveria vir em auxílio aos pais na educação sexual da criança e do jovem. À medida que eram lançadas as publicações, o tema sexualidade foi analisado pela psicologia da época.

Aludindo sobre essas diferentes leituras relacionadas a sexualidade humana, padres, educadores e médicos procuraram igualmente padronizar o comportamento sexual de crianças e jovens, ou seja, todos, defenderam a precisão o sexo somente no casamento, o repúdio à masturbação e distinção de condutas sexuais femininas e masculinas. Percebe-se aqui que desde o Brasil colônia a Igreja Católica defendia o homem como o dono de todo poder, e a esposa era consagrada à administração doméstica da casa e a sexualidade apenas eram destinada ao casamento.

Na década de 60, exatamente entre os anos de 1963 e 1969, algumas escolas pioneiras tentaram implantar a orientação sexual nos programas para os alunos. Porém, com a argumentação de ser algo imoral, irresponsável e inútil, pareceres contrários de algumas secretarias de educação condenaram e proibiram esses programas.

Em 1968, a deputada Júlia Steinbruck, lançou um projeto de lei na Câmara dos Deputados, propondo a implantação da orientação sexual em todas as escolas do país, mas a Comissão Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura, o rejeitou com alegações teológicas, moralistas e sentimentais. Neste mesmo ano foi publicado o Ato Institucional nº 5, estabelecendo uma extrema censura, prejudicando os institutos educacionais.

Entre as décadas de 60 e 70, o país enfrentou um período de grande repressão, pois tinha se instalado um clima de moralismo, puritanismo, e o aumento da censura e do medo. Porém, mesmo com os riscos da repressão, o desenvolvimento da orientação sexual continuava em algumas instituições. Em São Paulo em 1976, em todo o país, ainda havia 56 trabalhos.

Conforme Ribeiro (1990), entre os anos de 1974 e 1975 José Maria de Toledo organizou uma série de conferência sobre orientação sexual para os alunos da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, de nível do 2º grau, localizada em São Paulo, onde ele foi comandante.

Em 1978, a Prefeitura de São Paulo realizou um projeto piloto de Orientação Sexual nas escolas da rede municipal. E logo depois em 1980, também a Secretaria de Educação do Estado, através da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas – CENP organizou um planejamento para implantar a orientação sexual nas escolas estaduais paulistas.

A abertura política na década de 80, pela qual o Brasil passou, atentou-se para significados fatos envolvidos no campo da sexualidade.

Neste momento, novamente a educação sexual apareceu em destaque na imprensa. Época em que as pílulas anticoncepcionais surgiram, o sexo, tema que nem poderia ser mencionado, hoje os jovens não só podem falar abertamente, como tem as mais variadas informações e desinformações.

No ano de 1989, a Secretaria Municipal de São Paulo, sob o comando do professor Paulo Freire, implanta-se a orientação sexual na escola, inicialmente nas de 1º grau (Ensino Fundamental) e tempo depois, na de Educação Infantil.

Partindo desde a década de 80, até aos dias atuais, pode-se observar que na sociedade contemporânea, depois de um período de repressão, novos comportamentos surgiram, preconceitos foram repensados, tabus e tradições conservadoras foram abaladas. Porém, a sociedade ainda mantém posturas ambivalentes.

O sexo feminino, através das crises econômicas, foi lançado ao mercado de trabalho ao mesmo tempo em que constitui seus pensamentos em relação a sua independência financeira e social. Deste modo, a mulher revolucionou seu meio, o que levou o início da libertação dos padrões culturais e sexuais que a reprimam.

Já na década de 90, mais precisamente em 1993, foi realizada uma pesquisa pelo instituto Datafolha, que revelou que 86% dos pais aprovam a inclusão

da orientação sexual nas escolas, reconhecendo não só a sua importância, como também admitiram a grande dificuldade de tratar esse assunto em casa.

Como já foi descrito acima, nos anos 90, os trabalhos sobre a temática se tornaram mais freqüentes, por causado do culto ao sexo, feito pelas massas televisas e comerciais, da gravidez indesejada e do grande número de casos da AIDS. Foi, portanto, diante do contexto, no ano de 1995, o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a serem avaliados pelo Conselho Nacional de Educação. Em 1997, o Ministério da Educação e do Desporto propôs os PCNs para o Ensino Fundamental (1º grau) em todos os estabelecimentos educacionais do Brasil. Vale lembrar aqui que a orientação sexual não é tratada como disciplina, mas sob a forma de temas transversais a ser abordada pelos educadores de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Em 1998, a proposta de Orientação Sexual como tema transversal se expande, abrangendo o currículo de 6º ao 9º ano e Ensino Médio.

Associada aos Parâmetros Curriculares Nacionais surge em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica – LDB (Lei nº 9.394/96), em referência a sexualidade, visto que os mesmos a explicam como componente na formação do indivíduo em todas as etapas de aquisição do conhecimento.

Apesar disso, as redes de ensino enfrentam dificuldades de incluir a orientação sexual onde essa abordagem seja oferecida de maneira clara e coerente. Visto essa dificuldade Ribeiro (1990), explica que ainda estão reproduzindo nos educadores, normas de como viver a sexualidade, ou seja, passam informações apenas sobre a biologia sexual, porém não debatem, não questionam e nem relacionam às questões sócio-culturais, já que estão influenciados pela sua própria cultura, pois muitos educadores que atuam hoje já foram os jovens de ontem, dos quais sofreram repressões sexuais, que de certo marcaram suas condutas, preconceitos, mitos e tabus.

CAPÍTULO II

A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Durante o percurso da vida de uma pessoa, há o acúmulo de várias experiências, informações informais, valores, atitudes, preconceitos que são assimilados e incorporados no ser, formando uma visão muito pessoal da sexualidade. Alguns vivem a sexualidade de forma liberal ou rígida, outros já vivem de forma maliciosa e tudo irá se remodelando a proporção que ocorram novas percepções.

Todos nascem sexuados e se tornam sexualmente adultos em todas as áreas da vida. Adquirem uma sexualidade masculina e feminina, que assume sua própria forma de pensar e de agir nas realidades psicológicas, social e cultural, tendo assim a necessidade de complementação recíproca, pois diante das circunstâncias, ninguém é auto-suficiente. Portanto, não há como excluir os ideais do outro, dentro da sociedade.

Antes de chegar à análise intitulada acima, é imprescindível destacar aqui, conceitos da sexualidade humana, da educação sexual e da orientação sexual respectivamente, sob a visão de alguns estudiosos.

Segundo o conceito de Meira (2002):

A sexualidade própria de cada pessoa, a meiguice, carinhos, carências, os afetos, impulsos sexuais, socialização, agressividade, a forma Cortez ou grotesca de se comunicar com os outros, a colocação da voz através do seu timbre, tonalidade e velocidade, o nível de simpatia ou antipatia, a maneira de se vestir e se produzir, o grau de inibição e a capacidade de atrair o outro, as preferências sexuais, desejos, fantasias, as manifestações da excitação e do orgasmo, a beleza física e disposição anatômica das formas do corpo, etc., caracterizam o que chamamos de sexualidade.

Para complementar tal conceito, Sousa Filho (2004), explica, sob o ponto de vista de Sigmund Freud, pai da psicanálise, que deu grande ênfase ao impulso sexual e defende um conceito amplo que não discorre somente a satisfação dos prazeres, mas também abrange a representação psíquica inerente a pessoa desde a infância. Essas considerações lançadas por Freud, explicam uma sexualidade não focalizada nos preconceitos e tabus que a sociedade é capaz de transmitir as crianças e jovens.

Já a educação sexual aqui é conceituada por Sousa (2006):

Educação sexual é o aprendizado informal pelo qual tomamos conhecimento sobre sexualidade ao longo da vida. Educar é um processo que permite ao indivíduo participar do meio onde vive em contínua reciclagem e reconstrução. [...] Educar é preparar o terreno, torná-lo fértil para a produção de idéias.

Jovens e crianças precisam ser ajudadas na escolha adequada de como praticar sua sexualidade, analisando os diversos aspectos da questão com pensamento crítico, respeitando os valores sociais dominantes. Esses são os pontos de suporte da orientação sexual.

Sobre isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) afirma:

O trabalho de orientação sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. [...] Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem ser invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

Visto os conceitos aqui arrolados, pode-se perceber que desde o nascimento, a criança recebe atitudes dos pais frente a sexualidade. Já na gravidez inicia-se a função educativa dos adultos, uma vez que as suas expectativas para com a criança influenciarão o comportamento sexual do futuro dela. Diante desse modelo é que a criança começará a assimilar uma visão particular sobre a sexualidade. Perguntas respondidas ou reprimidas, atos de carinhos ou de rejeição dos pais, atitudes, gestos ou palavras diante da sexualidade são os elementos com que uma criança conta para elaborar sua vida sexual.

Conforme Souza (2006): A educação sexual, como já foi mencionado, se dá pelo convívio familiar, grupo de amigos ou pelas informações repassadas pela massa comunicativa. Contudo, a informação dentro da educação sexual inicia-se cedo, de forma não verbalizada, isto é, sem falar. As crianças ou até mesmo jovens ou adultos assimilam o que vêem, sem palavras ou explicações. Portanto, inicia-se pela percepção do indivíduo visualmente, que vai se incorporando e se registrando. Logo depois acontece a informação verbal que ocorre de forma direta. Ou seja, quando existe um questionamento objetivo. Ela acontece após a não verbal, quando a criança indaga para buscar confirmação do que está elaborado. É uma espécie de verificação para se certificar sobre aquilo que se está pensando.

Os pais se mostram aos seus filhos como modelos ideais de comportamento sexual, sendo eles repressores ou liberais sexualmente. É nesse contexto que Souza (2006), explica que o convívio familiar, onde a criança se desenvolve, deveria ser o lugar onde suas dúvidas e curiosidades fossem esclarecidas e o diálogo se tornasse constante. Pois são os pais os primeiros responsáveis pela educação sexual, sendo ela insubstituível.

Porém, tal responsabilidade, na maioria das famílias brasileiras, repassam o pensamento de uma sexualidade marginalizada. Enquanto os pais ficam buscando argumentos e pensando que terão que abordar a temática sexual, não percebem o crescimento dos filhos. Com o avançar da idade das crianças tudo fica mais difícil. Algo tão natural que se desenvolve com imaturidade.

Segundo Aquino (1997) A família muitas vezes não percebe os sinais das curiosidades infantis. A criança não sabe formular perguntas, nem tem domínio de vocabulário para isso e o casal não cria situações para dialogar. Existe uma repressão interior, uma resistência pessoal inconsciente podendo ser vergonha, temor, medo do assunto, da linguagem, da distância de idade e o filho chega na adolescência. Os jovens sentem-se abandonados dentro do seu desenvolvimento e aprendem através de experiências negativas, traumáticas e clandestinas. Aqui o prazer não discutido, não amadurecido, é substituído por outras fontes consumistas e vem a desilusão e a frustração.

A problemática se dá quando os adultos não procuram recordar de como receberam suas primeiras informações sexuais e dos seus próprios conflitos e por isso não encontram isso presente nas crianças. Quando decidem ser pais, começa a responsabilidade educacional do filho, procurar atender suas expectativas e não decepcioná-lo. Se quisessem, poderiam se interessar, buscar ajuda, pedir orientação, oferecer esperanças de melhorar sua própria educação e, como consequência, a dos filhos. Desse modo, se eles não conseguem discutir com os filhos temas sexuais, simples da infância, também não irão discutir temas mais complexos que aparecerão mais tarde.

Como explica Suplicy et al(1998):

Uma família que não demonstra afeto, que não se toca, que não dá atenção as inquietações da criança, que reage agressivamente a toda cena sensual que apareça na TV, está ensinando que sexo é feio, sujo e proibido. Já uma família que trate a sexualidade de forma mais positiva, transmitirá esse valor aos filhos.

A educação sexual, portanto, é um processo de vida, que permite ao indivíduo se modificar, se reciclar ou não, e só termina com a morte. No entanto, além do relacionamento cotidiano das crianças com os pais, o processo de socialização que se segue é também a influência da mídia.

Neste contexto não se pode deixar de considerar que atualmente presencia-se uma sociedade caracterizada no consumismo. Ensina-se a levar vantagem em tudo e até encarar o outro como alguém a ser usado para se atingir um objetivo. A reflexão é condicionada pelos televisores que estão saturados de programas e propagandas solicitando que o expectador compre, experimente, etc. E o telespectador é convidado a fazer o que a mídia propõe. Diante disso o jovem segue a essas regras sem nenhum questionamento, apenas porque alguém sugere que, isto é, bom ou ruim, porque todo mundo faz ou porque está na moda.

O Brasil é um país ainda muito jovem, herdou uma cultura de muitos povos e não há como unificar todas essas culturas, embora os meios de comunicação atinjam todas as pessoas do mundo. E por conseqüências, todas essas culturas irão se mesclando no comportamento de cada pessoa. Observando esse fato, a orientação sexual deverá ser trabalhada pela escola no complemento de falhas deixadas pela cultura e pela família que tem como foco principal erradicar tabus e preconceitos, dando ênfase às exposições das emoções e valores de cada educando, que muitas vezes recebe informações distorcidas ou causadoras de dúvidas, como comenta Suplicy (apud Ribeiro, 1990)

A criança chega à escola com todo o tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa, em relação ao sexo. [...]. Quer nós queiramos ou não, a educação sexual está acontecendo nas escolas, atrás das portas, nos banheiros, nos grafites, na pornografia [...].

Diante de toda essa problemática Aquino (1997) diz que a orientação sexual é uma atividade pedagógica que reflete a discussão de temas polêmicos, é um processo sistematizado que preenche as lacunas de informações, erradica tabus e preconceitos, permitindo a liberdade expressiva, num ambiente acolhedor e em clima de respeito. Portanto, é a escola que promove a orientação sexual de seus alunos, estimula o indivíduo nas relações humanas, na afetividade, no poder de criticidade e de reflexão, na tomadas de decisões e escolhas, etc. O autor continua dizendo que o aprendizado da sexualidade é ocasional e sempre há lacunas e erros de informações e interpretações. Ou seja, a orientação sexual pode agir nos

esclarecimentos e pode fazer com que os conhecimentos sejam ordenados e principalmente, que os preconceitos e os conflitos sejam resolvidos ou atenuados. No entanto, o jovem fica muito confuso entre as regras de casa, dos grupos de amigos e da igreja e até da escola.

A orientação sexual tem que estar desvinculada do medo e da culpa. A abordagem atual deve ser leve, suave carinhosa e verdadeira. As questões devem ser esclarecidas num momento oportuno, adequado e se for do interesse do questionador.

O grande aspecto positivo da orientação sexual é que a escola concentre um grande número de alunos informados e esclarecidos. Já que no ambiente familiar existem carências devido aos pais não saberem como tratar a sexualidade, não terem informações ou por vergonha ou até preferindo que a escola trate deste assunto de vez, portanto cabe a escola ajudar a formar um indivíduo consciente de seus próprios atos.

Na escola a criança é mais livre e solta sua curiosidade. Os conhecimentos e a curiosidade do outro são também um estímulo para si mesmo. Nesse ambiente em que ela confia, solta-se e pergunta sem medo ou censura, sem policiamento, sem ter pais nervosos.

Com o auxílio do professor, geralmente interessado e preparado, haverá destaque para o conhecimento do corpo, não só na parte anatômica, mas também nos esclarecimentos obtidos e nas discussões onde há conscientização de atitudes respeitadas e responsáveis. Onde o relacionamento humano é valorizado. Com a prática de trabalhos de orientação sexual há mudanças significativas de comportamento entre as crianças e jovens. A ansiedade e agressividade são reduzidas, pois a sexualidade incompreendida por eles os deixa tensos.

Constitui-se, historicamente que a sexualidade sempre foi tratada como um problema. O fato é que, falar acerca do assunto, seja na escola ou na família, implica em muitas dúvidas, inquietações, etc.

Muitos são os trabalhos desenvolvidos sobre o assunto. No entanto, maiores são as dúvidas, principalmente de como trabalhar a orientação sexual. E ainda é sabido que tanto a escola como a família, traz consigo a cultura que lhe foi imposta. E por ela a pessoa fundamenta a sua visão, que deve ser revista e examinada no processo.

Sabe-se que o convívio familiar e a escola podem influenciar positivamente na formação de um indivíduo, se ambos estiverem desligados aos tabus, preconceitos, religiosidade, etc. Por outro, pode-se verificar que a família e até mesmo a escola estão reproduzindo a sexualidade de forma errônea e preconceituosa. Deste modo contribuindo para a formação de indivíduos acríticos e incapazes de tomarem ou emitirem uma atitude em relação ao sexo.

2.1 O que analisa a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a orientação sexual

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9.394/96), dispõe nos seus primeiros artigos sobre a educação e a preocupação com o exercício da cidadania e do desenvolvimento integral do educando. A LDB segue prosseguindo em seu artigo 2º, que o exercício educativo é dever tanto do Estado como da família, e que tem o objetivo de preparar o educando para a prática da cidadania. Ou seja, para a formação integral do indivíduo.

Reconhecendo a sexualidade como parte integrante na formação do educando, a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais, analisam que o objetivo principal da educação é a construção da cidadania. Da qual será impossível alcançá-la em um país com escolas que somente trabalham com conteúdos tradicionais, negando a discussão, imprescindível ao tema sexualidade.

É nesse sentido que a LDB e os PCNs, defendem a sexualidade debatida na escolas, uma vez que a mesma forma indivíduos para agir dentro da sociedade.

Ao apresentar a sexualidade como tema transversal, os PCNs, a consideram como algo inerente à vida e à saúde. Além de integrar o papel social do homem e da mulher, ao respeito mútuo. E para garantir a orientação sexual, no âmbito escolar, o documento promove grandes contribuições para a temática aqui discutida, as quais são destinadas aos profissionais da educação.

Todavia, não se pretende construir uma nova área do saber, a repassar conteúdos distantes da realidade dos alunos e sim o que se pretende é que a instituição escolar atenda a necessidade da sociedade e proponha o confronto dos alunos com situações do seu cotidiano, que precisará de orientação.

Os PCNs volume 10 (1997), fala da maneira como as famílias, a partir de suas crenças, sendo elas conservadoras, liberais ou progressistas, educam

sexualmente seus filhos. E isso faz com que a escola não interfira nesse processo. Pois ela tem o papel de apenas complementar a educação trazida já de casa, e seu objetivo é de preencher as lacunas deixadas pelas falhas familiares, erradicar tabus e preconceitos. Sendo esse o dever da escola de desenvolver a ação de reflexão, e de criticidade.

Essas concepções transversalizadas poderão ser abordadas por várias disciplinas ou extraprogramação pelo motivo de a sexualidade envolver problemas que serão trabalhados constantemente. Sendo assim, os PCNs (1997) destacam que a orientação sexual deve ser realizada por essas duas formas. Desse modo, os blocos de conteúdos propostos para o Ensino Fundamental abrangem três eixos fundamentais que devem nortear toda e qualquer intervenção do professor ao abordar o tema em sala de aula, que são: 1) O corpo: matriz da sexualidade, tratado com um todo integrado em suas funções biológicas, afetivas, perceptivas e de relação social; 2) As relações de gênero, no sentido das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos; 3) A prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis / AIDS, com ênfase na prevenção e na saúde, e não nas doenças, a fim de não vincular a sexualidade à doença ou à morte.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), apontam que:

Esses conteúdos devem possibilitar a abordagem dos diferentes assuntos, que variam de acordo com a faixa etária, cultura regional e fatos contemporâneos veiculados pela mídia ou vividos por uma dada comunidade. O desafio que se coloca é o de dar visibilidade a esses aspectos considerados fundamentais [...].

Tais conteúdos devem ser flexíveis, de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma, a cada momento, pois o professor também pode abordar temas trazidos pelos alunos, pois é por este ponto que o trabalho inicia.

No entanto, este documento é um destaque sociocultural que deve ser um critério de seleção dos conteúdos e que os professores ao realizá-los na escola, venha dar consideração as dimensões biológicas, culturais, psíquicas e sociais. Pois sabe-se que a sexualidade além de ser uma construção humana, é marcada pelos aspectos históricos, culturais e científicos, assim também pelos afetos e sentimentos, apresentados unicamente a cada sujeito.

O trabalho de orientação sexual, evidenciado pelos PCNs, pode começar a ser desenvolvido desde quando a criança entra na escola e é processada ao longo

de toda a seriação escolar. No entanto, não existe uma idade determinada para o desenvolvimento deste trabalho, pois as manifestações da sexualidade infantil ocorrem desde muito cedo. Suas expressões mais freqüentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, nas curiosidades sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas, entre outras. Essas manifestações também ocorrem no âmbito escolar e é necessário que a escola, enquanto instituição da educação, posicione-se clara e consciente sobre as referências e limites com os quais devem trabalhar as expressões da sexualidade da criança. Como diz Gentile (2006) em um artigo, na Revista Nova Escola, que a criança ao descobrir o próprio corpo e como ele pode dar prazer ,faz parte do desenvolvimento infantil. Quando perceber que há uma sensação gostosa que o toque provoca ela irá repetir o ato novamente.

Os parâmetros apontam uma transformação na prática pedagógica, pois rompem a limitação da atuação dos educadores às atividades formais e ampliam um leque de possibilidades para a formação do educando.

Como explica à seguir, em um artigo na Revista Nova Escola, Martins (2008):

Muitos, porém, preferem ignorar esses comportamentos, seja por não ter formação específica, seja não se sentir a vontade para conversar com as crianças sobre o tema. Essa omissão leva os alunos a achar que temas relativos à sexualidade não devem ser discutidos com os adultos. Curiosos vão continuar procurando informações com os colegas e, não raro, ouvir comentários equivocados em respostas.

Portanto, pode-se perceber que os PCNs, dar como proposta para o Ensino Fundamental, anos iniciais (1^o e 2^o ciclos), uma contribuição para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, visando a promoção do bem-estar sexual, valorizando sempre o respeito por si e pelo próximo, buscando garantir a todos direitos básicos como: a saúde, informações e conhecimento, elementos indispensáveis na formação de responsáveis e conscientes cidadãos.

CAPÍTULO III

A ATUAÇÃO DOS EDUCADORES NO DESENVOLVIMENTO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A PESQUISA

Sabe-se que ao desenvolver a orientação sexual na escola a atuação do educador é imprescindível. Por isso a comunidade considera à escola como boa e qualificada, não pela sua estrutura, mas pelo professor que atua nela.

De acordo com Souza (2006), quando se preocupa em orientação sexual, a escola, ou seja, os professores devem visar sempre em promover o ser humano. O educador quando é capacitado fornecerá esclarecimentos sobre a sexualidade como uma forma de relacionamentos interpessoais, prazer, sem esquecer da afetividade, respeito e responsabilidade. Trabalhará informações, comportamentos, atitudes e valores. Cabe também ao educador estar atento aos interesses dos discentes fazendo-os perceberem que a eles caberá a opção ou a escolha do seu próprio destino.

O orientador sexual, ou professor, deverá sempre responder às dúvidas e curiosidades com simplicidade, verdade e naturalidade. Além de estar atento ao desenvolvimento e maturidade da criança, criando um clima afetivo e de cumplicidade, ganhando a confiança, aproveitando oportunidades, dosando as informações e os diálogos.

O educador tem que ser inteligente ao reconhecer a existência de mitos, preconceitos, crendices e tabus, com que os alunos e eles próprios vivenciam, que na maioria das vezes é bastante difícil substituí-los por verdades científicas. Pois a criança ou o jovem estará sempre numa fase de remodelação e isso somará para aquisição de novas informações e atitudes.

Aquino (1997), explica que conhecer e respeitar os alunos em seu modo de vida, valores e anseios é a base para o trabalho educativo, em geral e em especial sobre sexualidade. Ao educador é necessário a disponibilidade de repensar o seu papel profissional e de eliminar posturas eventualmente inadequadas e autoritárias.

Atualmente a postura do educador, tem sido muito refletida, frente ao processo de educação, referido à sexualidade humana. Portanto pode-se notar que a grande dificuldade presentes neles, é que na sua grande maioria, por não

vencerem suas próprias dificuldades ante o tema, acabam pensando que o problema é apenas da família.

De acordo com Suplicy et all (1998):

Verifica-se, nos educadores, na verdade, a necessidade de uma apropriação, por assim dizer, de conteúdos ligados ao tema, de uma formação continuada especializada, para suprir esse vazio, dando condições de refletirem as suas próprias dificuldades, os seus questionamentos, os seus próprios valores que, despercebidamente, são por eles repassados, e que, com isso, fiquem realmente, aptos ao desenvolvimento da reflexão de valor [...]

Uma grande porcentagem dos educadores até consideram que discutir a sexualidade humana é importante. Porém sentem medo e insegurança e falam que não estão preparados para tratar dessa temática. Isso dá pelo motivo de que os mesmos possuem tabus e preconceitos que não são fáceis de se desligar da sua cultura interiorizada.

Segundo Suplicy et all. (1998), a formação do professor raramente incorpora temas de sexualidade em seu currículo. Falta uma abordagem com enfoque biopsico-social; falta uma reflexão mais aprofundada sobre as relações interpessoais. Por isso, muitas escolas, ao trabalhar com a orientação sexual, abordam apenas a reprodução, o aparelho genital, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e inclui também alertas sobre a gravidez na adolescência, deixando de lado os aspectos emocionais, éticos e culturais.

Souza (2006) explica que os professores em plena era tecnológica, ainda fazem uma orientação sexual inadequada, meio empurrada, com fixação apenas no lado científico e anatômico. E que estes educadores se mantêm carregados de seus valores pessoais. Conseqüência disso é que surgem professores trabalhando de forma imprudente, usando a repressão e a ignorância sexual, que se torna prejudicial ao aluno, ao próprio professor e a escola.

Diante das afirmações acima, tem-se como propósito saber “como os educadores dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental desenvolvem o trabalho de orientação sexual junto aos seus discentes atualmente na cidade de Parnaíba-PI.

3.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa

A pesquisa é do tipo não-experimental, transversal, correlacional e tem como finalidade ampliar os conhecimentos desta problemática, caracterizada, portanto, como pesquisa pura quanto à sua natureza e está classificada como explicativa. No tocante aos procedimentos técnicos para a sua produção, é bibliográfica e de campo. E quanto a sua abordagem, foi desenvolvida qualitativamente e quantitativamente.

O método de abordagem utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa foi o hipotético-dedutivo, considerado a partir da formulação das hipóteses.

Para a realização desta pesquisa investigativa a delimitação do universo de pesquisa está constituído por 2 (duas) escolas que ofertam os anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI), que foram selecionados aleatoriamente, por meio de sorteio. Em cada um destas instituições foram aplicados os instrumentos de coleta de dados através de questionários entre 14 (catorze) professores ao todo, destas escolas.

Nas escolas que serviram para amostragem foram selecionadas as turmas de (1º ao 5º ano) no turno da manhã e tarde, onde atuam 14 (catorze) professores que forneceram as informações para a pesquisa.

Os dados primários foram coletados por meio da aplicação de questionário que foi aplicado no segundo semestre de 2008.

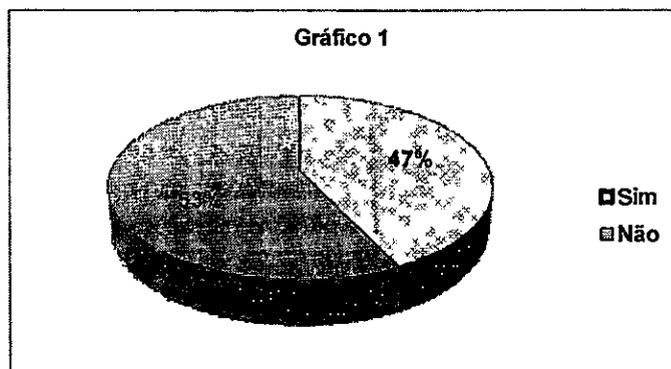
A pesquisa teve abordagem quantitativa com levantamento de dados estatísticos. Os dados foram analisados e interpretados por meio de gráficos e foram também analisados por comentários crítico e imparcial, com o intuito de se ter uma visão acurada da realidade pesquisada.

3.2 Análise e tabulação de dados

Gráficos do questionário aplicado aos catorze professores (1º ao 5º ano) do ensino fundamental de duas escolas, nos turnos da manhã e tarde, da rede pública de Parnaíba(PI).

Gráfico 1

→ A orientação sexual é um processo de intervenção pedagógica de dever da escola. Você concorda?



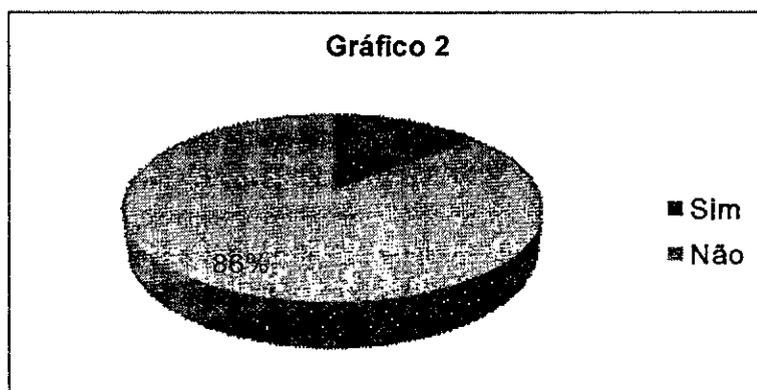
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

O gráfico mostra que 47% dos professores responderam que consideram a orientação sexual como um processo de intervenção pedagógica de dever da escola sim, e 53% dos professores declaram que não consideram a orientação sexual como um processo interventivo de dever da escola.

Diante dos dados acima pode-se dizer que os professores não adquirem de conhecimentos em torno da importância da presença de uma orientação sexual na escola. Ou seja, esses professores não entendem que a instituição escolar é o campo ideal para se dar orientação sexual. Com isso a escola, se encontra insuficiente para discutir a sexualidade humana e os problemas que geram em torno dela.

Gráfico 2

Esta escola desenvolve o trabalho de orientação sexual junto aos alunos?



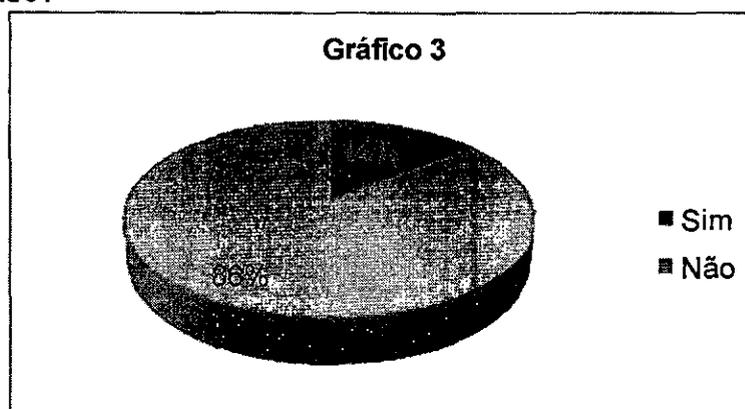
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

De acordo com o gráfico acima apenas 14% dos professores pesquisados desenvolvem a orientação sexual, e 86% dos professores responderam que a orientação sexual não é trabalhada na escola.

Com a observação feita na aplicação do questionário, o que se pode observar diante aos dados acima é que a escola se concentra numa falta de integração entre os professores, coordenadores, direção, e outros funcionários, além da decorrência de uma falta de capacitação.

Gráfico 3

Uma escola será considerada boa e qualificada, quando os professores têm se atualizado constantemente. Esta escola incentiva vocês professores à capacitações, para a realização de uma orientação sexual, desprendida de tabus e preconceitos?



Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

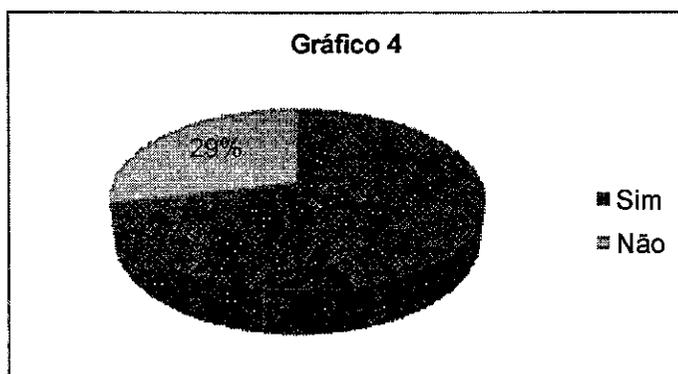
Mostra o gráfico que 14% das respostas dadas pelos professores revelam uma escola preocupada com a formação de seus educadores, e 86% admitem que a escola não incentiva os professores a capacitações para uma adequado trabalho de orientação sexual na escola.

As informações obtidas declaram que a escola está sendo apenas um espaço físico, sem comunicação, questionamento, além da omissão de questões sexuais.

Explica, Souza (2006) que a escola precisa e deve preparar todos os seus professores pois cada professor é um educador sexual. E para que estas capacitações ocorram, é necessário dispor de verbas, ambiente adequado, espaçoso recursos audiovisuais o que raramente existe.

Gráfico 4

Quando um aluno faz indagações sobre as questões sexuais, a sua atitude como educador é reprimir ou ignorar?



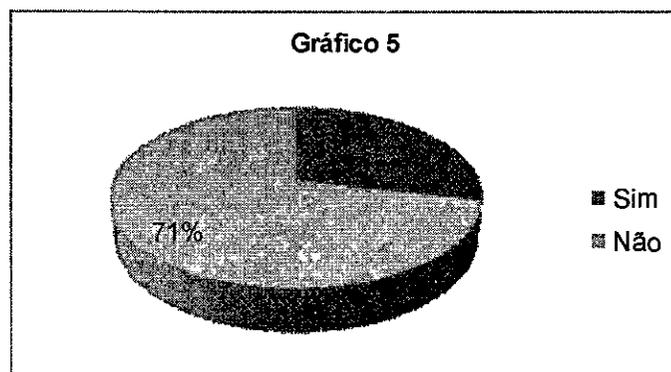
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

Foi constatado no gráfico que 71% dos professores deram como respostas que reprimem e ignoram sim, as perguntas trazidas pelos discentes para dentro da sala de aula, e apenas 29% responderam que não reprimem nem ignoram nas indagações feitas pelos alunos.

Portanto, percebe-se que não é fácil para os educadores conviverem internamente com os seus valores, uma vez que cada vez mais surgem novos desafios a serem enfrentados por estes, principalmente no que se remete à sexualidade.

Gráfico 5

Você educador, responde as necessidades que os discentes trazem para dentro da escola, sobre a sexualidade?



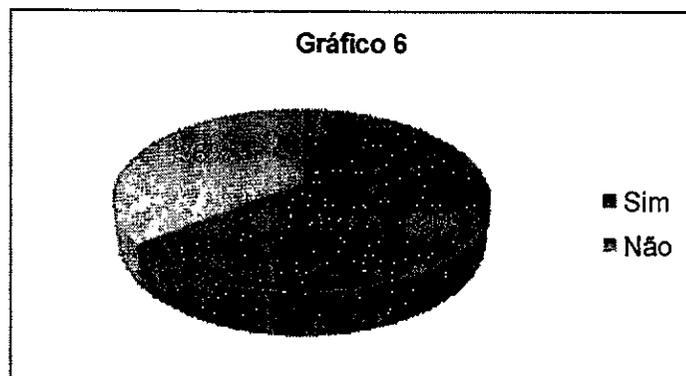
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

De acordo com o gráfico foi detectado que apenas 29% dos professores respondem as necessidades trazidas pelos alunos sobre sexualidade e os outros 71% disseram que não respondem essas necessidades.

Através das observações feitas durante as investigações nas escolas foi constatado que, a dificuldade de se discutir a sexualidade humana na escola, se dá pelo motivo de os educadores terem a desculpa de que já se encontram cansados e desmotivado à buscar o novo. Outros dizem que estão perto de se aposentar ou que não estão preparados de falar em sexualidade na sala de aula.

Gráfico 6

Você passa aos alunos conceitos da sua própria cultura ou valores sobre as questões sexuais?



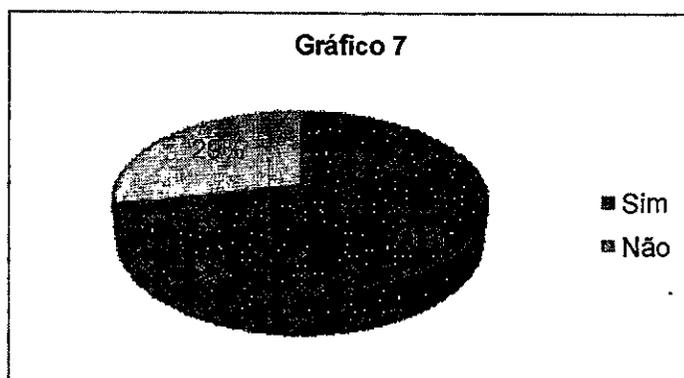
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

Foi observado no gráfico acima que 64% dos professores admitiram que passam sim, seus conceitos da sua cultura para os alunos e 36% disseram que não passam aos alunos conceitos de sua cultura ou de seus valores.

A análise demonstrou que os educadores ainda mantêm uma atitude negativa frente a sua própria sexualidade, portanto não é capaz de tratar com naturalidade as questões levantadas.

Gráfico 7

Na área de ciências naturais, você trata o tema apenas com um fator biológico?



Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

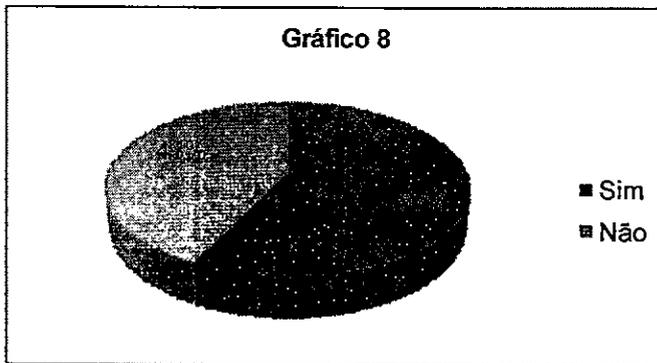
O gráfico mostra que 71%, tratam o tema apenas com um fator biológico e 29% disseram que não tratam essa temática como somente um fator biológico.

Diante das informações, os educadores ainda se restringem ao modismo e estão impregnados à conceitos de que o termo sexualidade indica apenas como um fator biológico. Portanto, pode-se dizer há uma confusão entre os educadores

quanto a abordagem da orientação sexual na escola, pois muitos pensam que ao trabalhar o aparelho reprodutor estão trabalhando a orientação sexual.

Gráfico 8

Você limita a capacidade de aprendizagem reflexiva do seu aluno nas tomadas de decisões a respeito da sexualidade?



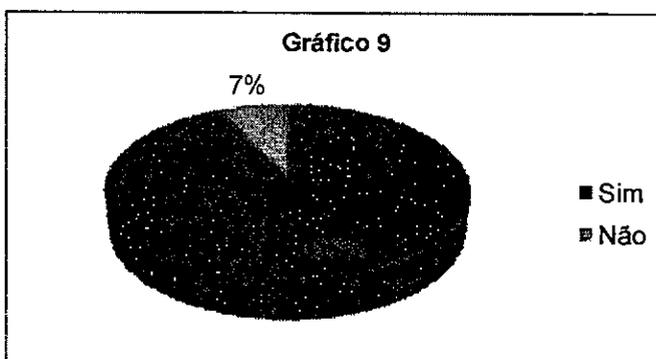
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

No gráfico, observa-se que 57% dos educadores admitiram que limitam sim a capacidade reflexiva nas tomadas de decisões sobre a sexualidade dos alunos e 43% disseram que não limita a referida capacidade.

Portanto, na coleta desta informações, foi constatado que esses professores não consideram o papel da orientação sexual em preparar os alunos para a vida, podendo assim desenvolver a capacidade intelectual, o senso crítico, à vontade, a capacidade de julgar e de ter comportamentos adequados no meio onde vive e socializar para que enfrente o dia-a-dia, o trabalho e a vida com as outras pessoas.

Gráfico 9

Além de uma formação adequada, o professor deverá fazer uma revisão profunda da sua própria sexualidade. Atualmente, falar de sexo com os seus alunos ainda causa constrangimento durante as aulas?



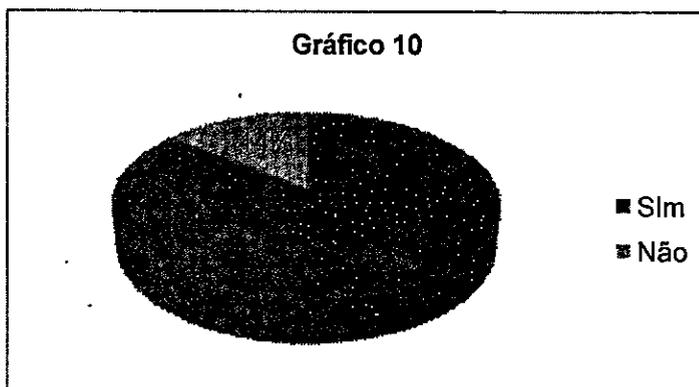
Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

De acordo com o gráfico, 93% dos professores responderam que ao falar do assunto ainda causa constrangimento durante as aulas, e 7% declaram que o assunto não causa constrangimento ao abordarem o tema.

As informações acima conferem o pensamento de Ribeiro (1990) que explica, que os valores culturais e históricos acompanham o indivíduo desde a infância, é aqui que estão inseridos os educadores que dificilmente irá desligar desses valores, contribuindo assim para a limitação em falar de sexo.

Gráfico 10

Os valores pessoais são construídos na base familiar, as crianças recebem informações dos demais familiares em situações diárias. Você acha que a família deve assumir de vez esse papel?



Fonte: Duas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI)

No gráfico acima é observado 86% dos educadores relataram que a família deve assumir o papel de orientadora, 14% disseram que a família não deve assumir esse papel.

Diante das observações feitas durante a investigação, foi visto que, com o objetivo de se ver livre das discussões em torno da sexualidade, pelo medo, culpa, preconceito, tabus e estereótipos os educadores pensam que é somente a família que pode falar de sexo. Pois desconhecem o verdadeiro conceito de orientação sexual.

CONCLUSÃO

Ao término da pesquisa realizada pode aqui ser observado a grande precisão de se implementar a orientação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas da rede pública municipal da cidade de Parnaíba(PI). Portanto durante a investigação foi detectado que a escola não considera à sexualidade como algo inerente a vida e na formação do indivíduo, pois ainda ela está bastante ligada aos padrões estabelecidos pelas sociedades e por variadas culturas em que as famílias se encontram.

Portanto, de acordo com os dados obtidos, foi confirmado que os educadores tratam mesmo o tema sexualidade como um fator biológico. Ou seja, esses educadores estão apenas trabalhando o corpo humano, na aula de ciências naturais. E que os mesmos ainda limitam a capacidade reflexiva dos discentes sobre a temática e que continuam construindo conceitos estereotipados e restritos sobre a sexualidade de seus alunos. Deste modo, a orientação sexual se torna um trabalho muito distante das escolas, pelo fato de os educadores e as famílias reproduzirem uma cultura de preconceitos e tabus-entorno daqueles que crescem.

De acordo com o resultado da pesquisa, é perceptível que há uma necessidade gritante que ocorra uma mudança na educação. É preciso que os cursos de formações de professores incluam em seus currículos a discussão sobre sexualidade e que o governo ofereça cursos de atualizações. Pois é a partir dessas oportunidades que os educadores podem reverem suas práticas e atitudes, pois as ansiedades dos alunos não podem ser tratadas por explicações sem fundamento, distorcidas, omitidas e carregadas de preconceito etc.

Sabe-se que esta pesquisa não é única no campo da pesquisa educacional, por isso tem-se a preocupação em estudar e analisar o tema, especialmente no espaço das instituições públicas do ensino local. Por fim deseja-se que esta pesquisa fomente novos estudos, pois é inesgotável o estudo da sexualidade humana no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais**. Brasília: MEC, 1997.

FOUCAULT, Michel: **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. 1, 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GENTILI, Paola. **Eles querem falar de sexo**. Nova Escola. p. 22-29, abril, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Ana Rita. **O assunto é sexo**. E é sério. Nova Escola. p. 38-46, agosto, 2008.

MEIRA, Luis B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. 35 ed. João Pessoa, 2002.

RIBEIRO, Paulo Rinnes Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: CPU, 1990.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as memórias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SOUZA FILHO, Vicente Gregório de. **Sexualidade, educação e cultura**. Parnaíba: SIEART, 2004.

SOUZA, Hália Paulio. **Orientação sexual:** conscientização, necessidade e realidade. Curitiba, 2006.

SUPLICY, Marta et all. **Sexo se aprenda na escola.** São Paulo: Olho d'água, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. **A educação sexual.** Educação grandes temas. p. 24-32, mês, 2008.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

- 1. A orientação sexual é um processo de intervenção pedagógica de dever da escola! Você concorda?**
 Sim Não
- 2. Esta escola desenvolve o trabalho de orientação sexual junto aos alunos?**
 Sim Não
- 3. Uma escola será considerada boa e qualificada, quando os professores têm se atualizado constantemente. Esta escola incentiva vocês professores à capacitação para realizar uma orientação sexual, desprendida de tabus e preconceitos?**
 Sim Não
- 4. Quando um aluno faz indagações sobre as questões sexuais, a sua atitude como educador é reprimir ou ignorar?**
 Sim Não
- 5. Você educador, responde as necessidades que os discentes trazem para dentro da escola, sobre a sexualidade?**
 Sim Não
- 6. Você passa aos alunos conceitos da sua própria cultura, sobre as questões sexuais?**
 Sim Não
- 7. Na área de ciências naturais, você trata o tema apenas com um fator biológico?**
 Sim Não
- 8. Você limita a capacidade de aprendizagem reflexiva do seu aluno nas tomadas de decisões a respeito da sexualidade?**
 Sim Não

9. Além de uma formação adequada, o professor deverá fazer uma revisão profunda da sua própria sexualidade. Atualmente, falar de sexo com os seus alunos ainda causa constrangimento durante as aulas?

Sim

Não

10. Os valores pessoais são construídos na base familiar, as crianças recebem informações dos demais familiares em situações diárias. Você acha que a família deve assumir de vez esse papel?

Sim

Não